

# O ANO LITÚRGICO E O SEU CICLO<sup>1</sup>

A Igreja, como Mãe e Mestra, quer nos ajudar a melhor celebrar e viver os mistérios sagrados por meio do ano litúrgico. O ano litúrgico é o tempo que a Igreja determina para celebrar o Mistério Pascal de Cristo. Podemos afirmar que o ano litúrgico é um caminho pedagógico-espiritual que ajuda o cristão, particularmente o catequista, a crescer na busca por uma santidade comprometida com o serviço aos outros.

O ano litúrgico não é uma ideia, mas uma Pessoa, o próprio Cristo e o seu Mistério Pascal, atuado no tempo oferecido e comunicado aos fiéis mediante as ações sacramentais e que hoje a Igreja celebra como “memória”, “presença” e “profecia”.<sup>[1]</sup>

O ano litúrgico inicia-se com o primeiro domingo do advento e encerra-se com a festa de Cristo Rei do Universo. Ele passa e perpassa pela encarnação, nascimento, sofrimento, ressurreição e glorificação de Jesus, nosso único Salvador, Redentor e Libertador.

Nós, cristãos, herdamos do povo judeu sua maneira de ver o tempo, marcada por eventos significativos de intervenção do Senhor na história. A novidade é que, do ponto de vista da fé cristã, o evento decisivo, a intervenção definitiva de Deus na história, dá-se na pessoa de Jesus, o Cristo. Com sua morte e ressurreição já se iniciou entre nós o “fim”, o éschaton, a eternidade, a plenitude do tempo, o Reino de Deus, como visita de Deus, como graça transformadora. Por isso, na vigília pascal, ao inscrever no círio pascal a cruz, os números do ano corrente e as letras A e Z, o ministro diz: Cristo, ontem e hoje, Princípio e Fim, A e Z. A ele o tempo e a eternidade, a glória e o poder pelos séculos sem fim. Amém.

Na visão do Concílio Vaticano II, o ano litúrgico deve ser entendido como uma verdadeira liturgia, e não simplesmente uma sequência de datas preestabelecidas dentro de um calendário de celebrações religiosas. É a presença sacramental-ritual do mistério de Cristo ao longo de todos os dias do ano.

O ano litúrgico é a celebração e a atualização do mistério de Cristo no tempo. Portanto, não se pode reduzir a um simples calendário de dias e meses com celebrações religiosas próprias, porque é a presença de modo sacramental e ritual do mistério de Cristo no espaço-tempo dos homens. O ano litúrgico (ano cristão) e o ano civil são diferentes, inclusive a data de início de cada um deles. A organização do ano litúrgico como temos hoje é resultado de um processo que foi se construindo ao longo dos dois mil anos de cristandade. Nos primeiros séculos do cristianismo só havia o domingo como fonte primordial da celebração do Mistério Pascal de Jesus. O ano é tido como a unidade mais longa do tempo dos homens, segundo o ritmo cíclico da terra à volta da sua fonte de luz. Partindo do dia da Páscoa, como sua fonte de luz, o ano litúrgico não é um calendário de festas, mas o desenrolar dos diferentes aspectos do único mistério de Cristo. No seu conjunto, o ano litúrgico é imagem e “sinal sacramental” do plano eterno de salvação, que inclui o mistério de Cristo.

O domingo, dia do Senhor, dia de sua ressurreição é o núcleo, a pedra fundamental, a origem e o centro da celebração do ano litúrgico. A partir desse dia em

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Humberto Robson de. **Liturgia**: Elementos básicos para a formação de catequista. São Paulo: Paulus, 2018. p.46-50.

que os primeiros cristãos faziam a sua celebração semanal, nasceu e foi se desenvolvendo ao longo dos séculos o ano litúrgico. No início do cristianismo, não havia nenhuma outra celebração que não fosse a que denominaram “Fração do Pão”; posteriormente Ceia do Senhor, Cálice do Senhor e Eucaristia (cf. At 2,42; 1Cor 16,2; At 20,7-11; Mt 28,1; Lc 24,1.13; Jo 20,1.19) e que agora chamamos de Missa.

O domingo é o centro do tempo cristão, pois no domingo celebramos a ressurreição de Cristo, e cada domingo é uma pequena Páscoa. [...]. O domingo cristão tem, assim, três elementos: 1. Recorda a Criação do mundo e remete para o solene esplendor da bondade de Deus dentro do tempo. 2. Recorda o “oitavo dia da Criação”, em que o mundo se renovou em Cristo (isto é dito numa oração na Vigília Pascal: “De modo admirável criastes o homem e de modo mais admirável o redimistes”). 3. Aproveita o motivo do descanso não apenas para santificar a interrupção do trabalho, mas também para aludir já ao descanso eterno do ser humano em Deus.

O testemunho mais antigo da celebração do domingo em Roma, nós o temos por meio de uma carta que Justino, filósofo cristão e mártir, escreveu por volta do ano 155:

No dia chamado sol, como é chamado, reúnem-se num mesmo lugar os habitantes, quer das cidades, quer dos campos. Leem-se, na medida em que o tempo o permite, ora os comentários dos Apóstolos, ora os escritos dos profetas. Depois, quando o leitor terminou, o que preside toma a palavra para aconselhar e exortar à imitação de tão sublimes ensinamentos. A seguir, pomo-nos todos de pé e elevamos nossas preces por nós mesmos [...] e por todos os outros, onde quer que estejam, a fim de sermos de fato justos por nossa vida e por nossas ações, e fiéis aos mandamentos, para assim obtermos a salvação eterna. Quando as orações terminaram, saudamo-nos uns aos outros com um ósculo. Em seguida, leva-se àquele que preside aos irmãos pão e um cálice de água e do vinho misturados. Ele toma e faz subir louvor e glória ao Pai do universo, no nome do Filho e do Espírito Santo, e rende graças (em grego: *eucharistia*, que significa “ação de graças”) longamente, pelo fato de termos sido julgados dignos destes dons. Terminadas as orações e as ações de graças, todo o povo presente prorrompe numa aclamação dizendo: Amém. Depois de o presidente ter feito a ação de graças e o povo ter respondido, os que entre nós se chamam diáconos distribuem a todos os que estão presentes pão, vinho e água “eucaristizados” e levam (também) aos ausentes.

Os cristãos aos poucos transferiram o sábado, dia santo judaico, para o domingo. Quanto ao descanso semanal, foi Constantino, imperador romano, que instituiu no ano 321. No século VI, a relação sábado-domingo é um fato consumado. Os cristãos entenderam que o sábado judaico é agora domingo, inclusive no que se refere ao descanso semanal.

É muito interessante que o nome que deram ao domingo foi primeiro dia depois de sábado e esse primeiro dia tem ligação com o livro do Gênesis que trata da criação (cf. Gn 1), particularmente ligado à criação da luz. Justino faz a conexão da criação com a ressurreição e por isso escreve: “reunimo-nos, portanto, no dia do sol, porque é o primeiro dia no qual Deus, transformadas as trevas e a matéria, plasmou o mundo, e no qual Jesus Cristo, Salvador do mundo, ressuscitou dos mortos”.

É o dia da vitória. Esse dia, que para os judeus era o primeiro da semana – a semana judaica iniciava com esse dia – esse dia passou a ser para os cristãos o dia mais importante da semana. Precisamente por causa do impacto da vitória da ressurreição. Por isso, os cristãos logo deram um apelido para esse dia: deixaram de chamá-lo de primeiro dia da

semana e começaram a chamá-lo de Dia do Senhor. Em grego, Kyriacké hamera. Em latim, dies dominica. Depois em italiano, domenica; em espanhol e português, domingo, em francês, le dimanche. “Domingo”, portanto, significa “Dia do Senhor”.

Voltando ao aspecto do ano litúrgico, consideramos que os cristãos das origens, ao celebrarem a sua Páscoa no domingo, estavam se distanciando do judaísmo e construindo a própria identidade cristã, inclusive no que se refere às questões celebrativas. A Igreja primitiva tem consciência de celebrar o Mistério Pascal do Senhor. Esse mistério é o fato central e memorial do Senhor na vida da Igreja nascente.

O núcleo central da organização do tempo na liturgia é o mistério da Páscoa de Jesus. Em Jesus, os primeiros cristãos reconheceram o Messias, o esperado, o libertador, o Salvador. Sua morte-ressurreição foi para eles o sinal da intervenção decisiva de Deus na história e o começo da parusia, da plenitude, da plena realização do Reino de Deus. Por isso, pouco a pouco foram substituindo o sábado, como dia sagrado ao Senhor, pelo “primeiro dia da semana”, dia da ressurreição de Jesus. Mais tarde, outros dias sagrados do povo judeu foram sendo reinterpretados com base em Jesus, o Cristo, principalmente as festas da Páscoa e de Pentecostes. O mesmo aconteceu com as várias horas da oração diária. Nessa prática das comunidades primitivas encontramos a base da atual organização do tempo litúrgico, com seu ritmo diário, semanal e anual, com suas celebrações em circunstâncias especiais da vida pessoal, comunitária e social. Aquilo que aconteceu de “uma vez por todas”, em Jesus, acontece para nós simbólica, sacramental e espiritualmente, “toda vez que” é atualizado ritualmente pela memória litúrgica. Todo o tempo litúrgico, porém, continua marcado pela esperança, pela espera por aquilo que há de vir.

Portanto, os primeiros cristãos celebravam o domingo como o dia pascal do Senhor. Somente mais tarde é que inserem a celebração anual da Páscoa. Por isso, o domingo tornou-se o fundamento e o núcleo do ano litúrgico.

Após a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o domingo retoma a sua significância inicial. Sendo considerado o dia principal, nenhuma celebração pode se sobrepor a ele ou substituí-lo.

O ano litúrgico está organizado em dois grandes ciclos: o da Páscoa e o do Natal. Eles possuem uma dinâmica própria de celebração. Há sempre o momento forte da celebração propriamente dita, precedido pela vivência da preparação e do prolongamento.

O ciclo da Páscoa é o mais importante de todo o ano litúrgico, inicia-se com os quarenta dias de sua preparação, isto é, a Quaresma, que começa na quarta-feira de cinzas. Nesse período, a Igreja convida os fiéis cristãos à vivência intensa da oração, da conversão e da penitência, tendo como objetivo celebrar intensamente a ressurreição de Jesus. Tempo de purificação e iluminação em função do catecumenato.

Na Igreja dos inícios do cristianismo, os catecúmenos, isto é, os que estavam se preparando para receber o sacramento do batismo, intensificavam sua preparação. No Brasil, desde 1964, por iniciativa de D. Eugênio Sales de Araújo, então bispo de Natal, no Rio Grande do Norte, teve início a Campanha da Fraternidade que tem por objetivo exortar os fiéis cristãos a vivenciar e assumir a dimensão comunitária e social da Quaresma.

Após a celebração da Páscoa da ressurreição do Senhor, inicia-se o tempo pascal, que tem a duração de cinquenta dias, finalizando com a festa de Pentecostes. Santo Atanásio, no século IV, afirmava que os cinquenta dias entre o domingo da Ressurreição e o domingo de Pentecostes deveriam ser celebrados com alegria e exultação, como se

fossem um só dia de festa, como se fosse “um grande domingo”. Após esse período recomeça-se o Tempo Comum, que tinha sido interrompido com a Quaresma.

O ciclo do Natal inicia-se também com uma intensa preparação de quatro semanas, denominada Advento. Se na Quaresma vive-se intensamente um tempo especial de oração, conversão e penitência, no advento vive-se um tempo de espera e expectativa, que nos convida a vigiar não só pelo nascimento do Senhor, mas pela segunda vinda. É um tempo que desperta e aguça o nosso desejo da manifestação definitiva do Senhor quando ele consumirá o tempo e a história e criará um novo céu e uma nova terra.

A vinda de Jesus nos faz esperar com alegria e esperança. É uma espera ativa e confiante, que inspira e sustenta nossa fidelidade e testemunho de vida cristã. Não é tempo de penitência, apesar de a cor litúrgica ser o roxo. Nesse período, insere-se o nascimento de Jesus, o Natal, e a festa da epifania, palavra grega que significa a manifestação do Salvador a toda a humanidade. Os magos do Oriente, que não são reis, representam todos os povos que recebem e adoram o Cristo, Filho de Deus. Esse ciclo encerra-se com a festa do Batismo do Senhor.

O Tempo Comum, considerado também um ciclo importante para a celebração e vivência do ano litúrgico, e que se entrelaça entre os dois ciclos, inicia-se no dia seguinte à celebração da festa do Batismo do Senhor e se estende até a terça-feira antes da Quarta-feira de Cinzas. Recomeça na segunda-feira depois do domingo de Pentecostes e termina antes das primeiras vésperas do primeiro domingo do Advento. Esse ciclo tem a duração de 33 ou 34 domingos. Nele não se celebra um aspecto particular do mistério de Cristo, mas o mesmo mistério em seu conjunto, repercutindo em nosso cotidiano; por isso, denomina-se Tempo Comum.

Os textos do evangelho proclamados no Tempo Comum evidenciam os episódios comuns de Jesus desde o chamamento dos discípulos até os ensinamentos que narram o fim dos tempos. São apresentadas neste tempo algumas festas do Senhor e a celebração das testemunhas do Mistério Pascal, como a Virgem Maria, os apóstolos, os evangelistas e demais santos e santas.

Quanto à celebração dos santos, sobretudo da Virgem Maria, a Igreja permite seu culto, na medida em que celebramos não o santo em si, mas o Mistério Pascal de Cristo vivido por esse santo, e a vitória de Cristo, nele, sobre o pecado. E ainda, na medida em que podem ser para nós modelos de seguimento de Jesus, de discipulado concreto em nossa vida.

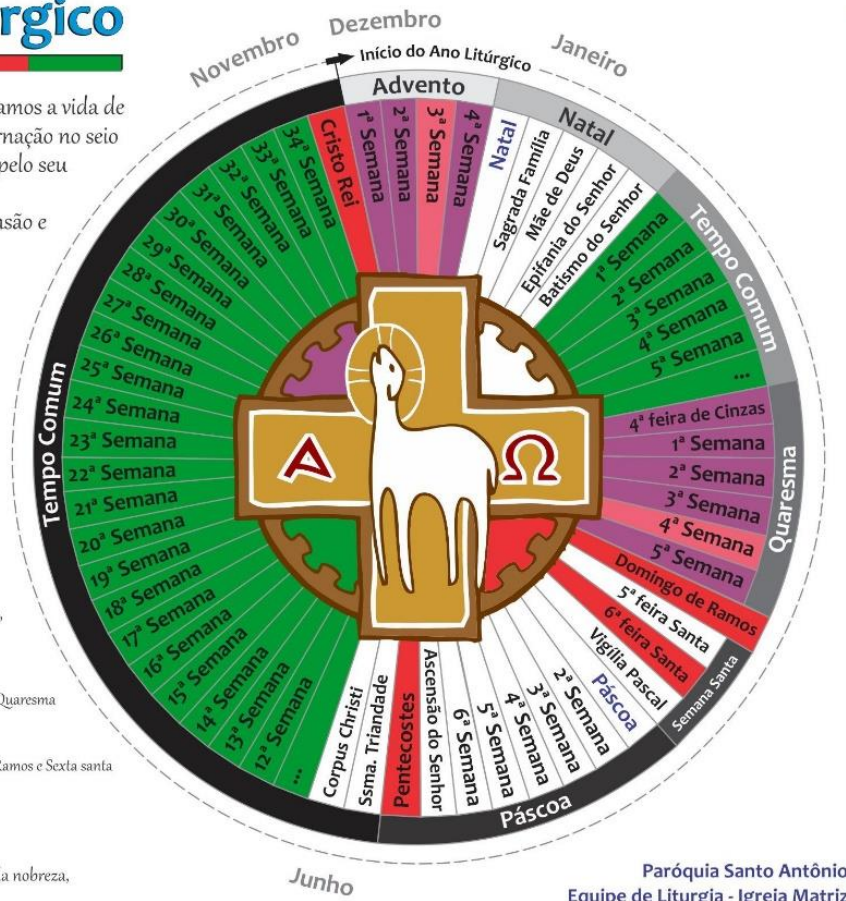
Enfim, o Ano Litúrgico é um caminho espiritual e celebrativo que nos une ao mistério e à pessoa de Jesus Cristo, nos congrega na unidade do Corpo místico do Senhor, a Igreja, da qual somos membros vivos, nos faz atuar o nosso sacerdócio batismal e nos mobiliza a agir no mundo na perspectiva da Jerusalém celeste, a começar pela Jerusalém terrestre.

# O ano Litúrgico

Durante o ano inteiro celebramos a vida de Cristo, desde a sua em Encarnação no seio da Virgem Maria, passando pelo seu Nascimento, Paixão, Morte, Ressurreição, até a sua Ascensão e a vinda do Espírito Santo.

## As cores Litúrgicas

- Branco - Símbolo da Paz, Solenidades e Festas
- Roxo - Penitência e conversão, Advento, Quaresma e Luto
- Róseo - Alegria e esperança  
3º Domingo do Advento e 4º da Quaresma
- Vermelho - Paixão e Amor  
Pentecostes, Festa dos Mártires, Ramos e Sexta santa
- Verde - Esperança  
Tempo Comum
- Ouro ou dourado - Símbolo da nobreza, Solenidades e Festas



## Solenidades e Festas

- Janeiro**  
01 - Santa Maria, Mãe de Deus;  
06 - Epifania
- Fevereiro**  
02 - Apresentação do Senhor  
22 - Cátedra de São Pedro.
- Março**  
19 - Solenidade de São José  
25 - Anunciação do Senhor
- Abril**  
25 - São Marcos, Evangelista
- Mai**  
31 - Visitação de N. Senhora
- Junho**  
13 - Santo Antônio  
24 - Nascimento de S. João Batista
- Ascensão de Jesus (data variável - quinta-feira da sexta semana da Páscoa)
- Corpus Christi (data variável - 1ª quinta-feira após o domingo da Santíssima Trindade)
- 29 - Solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.
- Julho**  
26 - São Joaquim e Sant'Ana
- Agosto**  
06 - Transfiguração do Senhor  
15 - Assunção de Maria
- Setembro**  
08 - Natividade de N. Senhora  
14 - Exaltação da Santa Cruz  
29 - São Miguel, São Gabriel e São Rafael, Arcanjos
- Outubro**  
12 - N. Senhora da Conceição Aparecida
- Novembro**  
01 - Dia de Todos os Santos  
02 - Dia dos Fiéis Defuntos
- Dezembro**  
08 - Imaculada Conceição de Maria  
25 - Natal

Paróquia Santo Antônio  
Equipe de Liturgia - Igreja Matriz

>>foto: Fonte: <https://www.pinterest.es/pin/649081365018048689/>